



"DO OFÍCIO DE HISTORIADORA À MILITÂNCIA : A TRAJETÓRIA DE DOROTHY THOMPSON"

Débora El-Jaick Andrade¹

O objetivo deste artigo é abordar a trajetória da historiadora inglesa Dorothy Thompson, a partir de seu próprio testemunho, lembranças que resumem sua motivação política e ideológica, as dificuldades e conquistas de quem contribuiu para contestar e romper limites impostos pela sociedade ocidental conservadora. Assim enfocaremos como a historiadora, autora de uma obra inovadora sobre o Cartismo, em que as questões de gênero e etnia aparecem de forma coerente e original, companheira e cônjuge do famoso historiador Edward Thompson, relata o início de sua carreira profissional, sua militância no que tange a participação no grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico.

Uma primeira observação se faz necessária, a respeito dos dados biográficos da historiadora, que apesar de bem conhecida no meio acadêmico inglês, pois foi professora da Universidade de Birmingham por muito anos, não possui de modo algum o prestígio internacional atribuído a seu marido Edward Thompson. Atrevemo-nos a sugerir que o esquecimento do nome de Dorothy Thompson, contrastante com a notoriedade em todo o mundo, em especial na América Latina, de Edward e de outros intelectuais associados à Nova esquerda inglesa, Eric Hobsbawn, Raymond Williams, Perry Anderson, Raphael Samuel, é reflexo do pouco destaque e do desprezo que se abate sobre a produção da história no feminino.

Michelle Perrot, estudiosa da história das mulheres e uma das precursoras na história acadêmica em França, recorda que por muitos séculos no Ocidente, a narrativa histórica tradicional relegou ao esquecimento as mulheres reais, ao privilegiar a cena pública, a política e a guerra, enquanto a trajetória feminina permaneceu silenciada reservada ao ambiente privado a partir do século XIX².

Este quadro agravado pela carência do registro das fontes, assim como pelo perfil e interesse dos escribas da história - administradores, policiais, juízes ou padres- que escreviam a história no masculino, quando observavam a presença feminina em manifestações, greves, reuniões, praças, bibliotecas, locais reservados aos papéis masculinos, a viam como transgressora, passível de ser estereotipada e rechaçada. A esfera pública não era destinada às mulheres, seja às mulheres letradas,

¹ Insira aqui a titulação e instituição do/a autor/a. Se desejar, inclua e-mail para contato.

² PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. SP/Bauru, Edusc, 2005.pp. 33-43.



das classes abastadas, seja às mulheres do povo, operárias, camponesas, cuja trajetória se apaga frente ao silêncio das fontes e à indiferença dos historiadores. Os vestígios de suas existências individuais e sua intimidade, como indica Perrot, deveriam ser destruídos em detrimento das lembranças de família, das quais elas haviam se tornado guardiãs.

Talvez a permanência deste fato, mesmo após a projeção feminina no pós-guerra, explique porque não dispomos de uma autobiografia da autora, mas trechos mais ou menos breves sobre sua vida nos prefácios de seus livros, como *Queen Victoria, a woman in the throne*, *The Chartists*, em uma retrospectiva feita pela autora na introdução de *Outsiders*, ou em entrevistas e artigos como aqueles que identificamos na revista *New Left* criada em 1960.

Sabemos por estes relatos pessoais, que seu nome de solteira era Dorothy Towers, nascida em 1923 em uma família de raízes artesãs. Seus avôs eram sapateiros e mercadores marítimos, seu pai proprietário de uma loja de música e a mãe dava aulas de piano e recitais. Como salienta a historiadora, "ninguém de sua família nunca trabalhou para mais ninguém"³, tinham uma forte tradição de independência e auto-didatismo, embora residissem em um bairro operário em Londres.

Londrina de 3a geração, cresceu em uma cidadezinha em Kent. Seu interesse nos *outsiders* (marginais) veio de sua experiência enquanto menina de meios modestos, em uma escola particular de subúrbio, que se sentia mais atraída pelos habitantes do vilarejo e pelos ciganos do que pelas pessoas mais cultas ou abastadas da cidade que frequentavam a escola. As questões relacionadas a gênero e a emancipação feminina se colocavam para ela como dimensões da realidade vivida. O ambiente familiar propício, em que seu pai nunca discriminou o potencial das meninas em detrimento dos meninos foi fundamental para a jovem prosseguir em seu desenvolvimento intelectual e político.

Como aluna, foi uma das poucas meninas que progrediram ao 6o ano do ensino médio e além, ao curso universitário, uma das poucas a optar por estudar história, grego, francês, latim e alemão enquanto a maioria das mocas optava por Língua inglesa no último ano do ensino colegial.

Ela foi testemunha e personagem da gradual mudança de valores da sociedade ocidental do entre guerras. Na Escola pública secundária onde estudou, encontrou professoras comprometidas com a igualdade social e com o ativismo político que lhe serviram de modelo. Ela relata na introdução de *Outsiders* que a própria existência de mulheres independentes, solteiras e inteligentes serviram-lhe de espelho e inspiravam-na a construir uma carreira.

³ THOMPSON, Dorothy. "The Personal and the political" In: *New Left Review*. 1/200, Jul-Aug 1993.p.1



A primeira guerra, havia imposto aos contemporâneos lidar com a ausência da força de trabalho masculina. A carência de trabalhadores abriu temporariamente as frentes para que as mulheres, sobretudo das classes médias urbanas, desempenhassem funções para as quais estiveram interdidas. O fim do esforço de guerra, se não restabeleceu a situação anterior, trouxe consigo igualmente a reação da maioria sexista, o que aconteceu no meio intelectual tanto quanto no chão da fábrica. Bonnie Smith explica que a profissionalização do ofício do historiador entre 1860 e 1910, não surgiu como um caminho fácil para as mulheres percorrerem, elas eram interdidas tanto de adquirirem diplomas acadêmicos, algumas vezes de assistirem aulas ou procurarem os professores. Demorou algumas décadas para que elas fossem aceitas para lecionarem em universidades, tanto na Europa, quanto na América do Norte⁴. A forte reação de estudantes, professores, reitores e colegas, o preconceito e a segregação dentro espaço da universidade, eram direcionados tanto às mulheres solteiras, quanto às casadas, vistas como incompatíveis com as funções de pesquisadoras e professoras. Assim, diante de tantos estigmas, elas revestiam-se em um terceiro sexo, que se não possibilitava serem admitidas nos círculos e redes acadêmicos, permitia-lhes sobreviver e se manter em ambientes majoritariamente masculinos e conservadores.

Mulheres que lecionavam nas décadas de 1930, 1940 e 1950, apesar de usufruírem de menos chances do que os homens em semelhante condição intelectual, inspiravam outras a seguirem-lhes os passos. Uma destas professoras na Universidade de Cambridge foi a medievalista Helen Cam, socialista engajada que também apoiava o Partido Trabalhista e que não compreendia porque este não aceitaria Dorothy, uma militante comunista, como secretária de sua filial universitária. Esta historiadora, conforme relembra Dorothy Thompson, "era um pessoa maravilhosa de se trabalhar" e teve muita influência sobre ela, embora não tivesse seguido história medieval.⁵ Menciona também Jean McCloughlan, uma historiadora muito interessada na política revolucionária européia, que depois se tornou diretora de uma escola na Escócia.

Seu interesse pela história, que a levou a universidade, despertada por um grande professor do secundário, aos dezesseis e dezessete anos, quando ela "percebeu que a história era uma disciplina de solução de problemas e não apenas de absorção de informação"⁶, caminharia ao lado do interesse pela política. Diz que se interessou pela história porque associou com seu interesse em política, e em memórias familiares. Na "Introdução" de *Outsiders* explica: "História excitava meu

⁴ SMITH, Bonnie. "Mulheres profissionais: um terceiro sexo?" In: Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica. SP, Edusc, 2003. pp.387-441.

⁵ THOMPSON, Dorothy. "The Personal and the political". Ibidem. p.2

⁶ Idem. Ibidem.



interesse estando na interface entre literatura, política e tradições familiares”⁷. Intrigava-lhe o fato histórico e político de um ramo de sua família ter deixado sua terra natal para se alojar do leste de Londres por questões religiosas, que não mais mobilizam as pessoas e eram razão de diferenciação⁸ ou as histórias contadas por sua bisavó sobre os prisioneiros franceses durante as guerras napoleônicas.

As recordações sobre sua infância em meio a classe operária, a comunidade de tecelões londrinos, as pessoas do teatro, a ajuda que sua família fornecia a trabalhadores em greve nos anos 1920, o apoio de sua família a causa do Partido Trabalhista e a atmosfera política de sua família motivaram-na a trilhar o caminho da militância, que ela empreendeu aos 14 anos no Grupo de Discussão trabalhista e depois na Liga Comunista Jovem em 1939⁹. Em suas lembranças de juventude estavam as gigantescas manifestações em Trafalgar Square pela ocupação da Europa pelo exército britânico movido pela esquerda e do intenso clima de politização que deu sustentação a clubes socialistas de vulto e a grandes grupos comunistas. Este era o clima esquerdista, motivado pela guerra e pela aliança com a União soviética por volta de 1942, quando ingressou no *Girton College* em Cambridge onde foi cursar história. Ela já possuía tal identificação política, embora os estudantes de Cambridge não se mobilizassem pela oposição política direita e esquerda.¹⁰

Durante a guerra, o recrutamento militar a compeliu a interromper sua formação acadêmica e ingressar no trabalho fabril como projetista industrial em uma firma subsidiária a Royal Dutch Shell em Londres que planejava reinstalar as indústrias petrolíferas nos campos orientais. No retorno a Cambridge, após o Armistício, conheceu Edward Thompson jovem comunista também estudante de história, que serviu no exército britânico no Norte da África na Itália e na Áustria (1942-45) durante a 2ª guerra em uma cruzada contra o fascismo. Conheceram-se e aproximaram-se por conta do envolvimento de ambos em seminários socialistas e comunistas sobre a história da classe operária e por partilharem dos mesmos interesses políticos e acadêmicos. Seus círculos de amizade se entrecruzaram e foram morar juntos em 1945, se casando legalmente em 1948 após uma estada em Sarajevo trabalhando junto em uma brigada jovem da Juventude Iugoslava na construção da ferrovia que ligava Samac a Sarajevo¹¹.

No retorno a Grã-Bretanha passaram por dificuldades para lecionar por conta das suas convicções políticas em ambientes extremamente conservadores que se recusavam a empregar

⁷ THOMPSON, Dorothy. *Outsiders, Class, Gender and Nation*. Verso, New York, 1993.p.5.

⁸ THOMPSON, Dorothy. "The Personal and the political". *Ibidem*.p.2

⁹ Idem. *Ibidem*.

¹⁰ Idem. *Ibidem*.

¹¹ PALMER, Brian. "Romantismo e Marxismo" In: *Objecções e Oposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.p.70.



comunistas. Não intencionavam trabalhar no mundo acadêmico, contudo, quando se mudaram para Halifax, em Yorkshire, ambos foram trabalhar na educação de adultos. Como revela a historiadora, o Partido Comunista naquele tempo propiciava a seus membros a vantagem de favorecer uma rede de conhecimentos e sociabilidade, e mesmo em um local inteiramente estranho:

"Logo fomos aceitos, éramos convidados em suas casas. Este era certamente verdadeiro quando fomos para Yorkshire. Logo conhecemos um grupo de pessoas alegres, inteligentes, muito interessantes, através do Partido Comunista, assim como através de nosso trabalho com o movimento de educação de adultos, que também já tinha uma estrutura montada para nós".

Ser membro do PC nos anos 1950 e 60 significava, segundo a historiadora inglesa, conviver com pessoas de diferentes classes se unindo em um movimento que respeitava as potencialidades individuais e organização interna. As mulheres eram respeitadas em suas potencialidades e atuavam em tarefas também masculinas. Embora o pertencimento a este grupo levasse em parte a exclusão e a desconfiança de grupos conservadores, forneceu a seus membros a melhor na compreensão sobre as minorias culturais e evidentemente sobre as questões ligadas à classe trabalhadora inglesa e à história do sindicalismo, discutidos com outros membros do grupo de historiadores do Partido que até 1956, época em que o partido rachou com a denúncia dos crimes de Stálin e a invasão da Hungria. No grupo participaram da publicação de um Boletim para a Sociedade de Estudos da História do Trabalho fundada em 1960. No partido o grande modelo de ambos os Thompson, era uma mulher comunista, a historiadora Dona Torr que trabalhava para o Partido em várias partes do mundo.

Edward lecionava literatura e história em um curso de extensão para alunos trabalhadores na Universidade de Leeds. Dorothy dedicou-se ao ensino de adultos por dezessete anos e afirma que neste curso, direcionado a adultos de várias profissões, engenheiros, enfermeiras, trabalhadores fabris, "aprendiam e ensinavam ao mesmo tempo", pois ali estavam pessoas politicamente muito mais sofisticadas e experientes do que eles, que enriqueceram sua visão de mundo.¹²

Seu trabalho meio expediente como professora e meio expediente dava aulas para vários departamentos da Universidade tentava adaptar sua função de pesquisadora a condição maternal que contradizia as opções correntes para mulheres na época: aquelas que buscavam uma profissão não se casavam e evitavam filhos, as que se casavam, interrompiam os estudos muito cedo e desejavam abdicar de um emprego.¹³ O trabalho em parceria com Edward, segundo relata Dorothy em *Outsiders*, implicava que ele assumia as tarefas duas semanas todo ano, para ela poder atender as

¹² THOMPSON, Dorothy. "The Personal and the political". Ibidem.p.2

¹³ Idem. Ibidem.p.4.



conferencias a convite da Universidade de Leeds, assim como trabalhar nos arquivos em Londres. A dificuldade de se criar filhos foi resolvida com a adequação da necessidade de ambos. Dorothy e Edward trabalhavam durante a noite e tinham contato com os filhos durante o dia, assim Edward poderia assumir o cuidado com as crianças, enquanto ela fazia pesquisas sociológicas e ensinava, atividades que requeriam horários mais flexíveis. Assim Dorothy responde as acusações de Joan Scott que foi explorada pelo marido afirmando: “Pelos padrões modernos poderia ser dito que eu tinha um espaço limitado para meu próprio trabalho, mas o espaço foi criado”.Igualmente rebate as criticas de que seu nome deveria constar nos livros de Thompson, alegando que diferentemente do trabalho conjunto do casal Webb ou dos Hammonds, o produto da atividade acadêmica na atualidade precisa ser individual¹⁴. Prática comum entre casais de historiadores, empréstimos de fontes, de idéias não chegariam a significar plágio e a historiadora marxista atesta que, ainda que se reconheça tal compartilhamento, as obras de ambos os Thompson mantém sua individualidade e singularidade. Embora se apresentasse como a principal interlocutora de Edward, ela enfatiza o caráter complementar de suas pesquisas: a linha de chegada de Edward Thompson e o objeto de Dorothy Thompson.

A pesquisa de Dorothy Thomspson chegou ao ápice quando em 1968 aceitou uma vaga na Universidade de Birmingham para aliviar o peso das amarras das aulas noturnas em uma família em expansão e liberar Edward, que abandonava a Universidade de Warwick para tornar-se escritor *free lancer*. A estabilidade deste posto permitiu-lhe pesquisar o Cartismo e a agitação por direitos políticos do povo trabalhador e das mulheres trabalhadoras. A partir de finais dos anos 60, Dorothy de fato começa a publicar seus artigos e livros atuando na Universidade de Birmingham até 1988, quando ela e Thompson, passam a fazer palestras conjuntas em muitas Universidades na Inglaterra e no exterior. Dorothy foi visitante em Rutgers, Pittsburgh e Brown Universities nos EUA.

A carreira de Dorothy Thompson como historiadora se deu em uma época em que como apontou Eric Hobsbawn em "A era dos extremos", o número de estudantes nas universidades multiplicara-se várias vezes, incluindo, cada vez mais mulheres nos bancos escolares e nas fileiras do corpo docente. Além disto, o feminismo e a consciência dos direitos femininos estavam em franca ascensão. Na Inglaterra seu impulso foi dado com a aprovação do sufrágio feminino em 1919 e nos Estados Unidos cresce em importância na década de 1960. Como avalia Joan Scott, a historia das mulheres era associada a luta feminista contra a opressão, a política e a ideologia e privilegiava

¹⁴ THOMPSON, Dorothy. *Outsiders, Class, Gender and Nation*. Verso, New York, 1993.p.10.



compreender as mulheres como heroínas das lutas sociais¹⁵. Ao longo de duas décadas a história das mulheres tornou-se a história de gênero, um campo da ciência histórica que pressupunha a partir dos anos 1970, o afastamento de questões políticas associadas a denúncia das condições de existência inferiores das mulheres na sociedade. A profissionalização dos historiadores das mulheres trazia exigências que opunham história (o conhecimento obtido através da inquisição neutra) e ideologia (tomada enquanto conhecimento distorcido por considerações de interesses)⁸. Historiadores tradicionais opunham-se ao novo campo, alegando “distorções” causadas pelo ponto de vista feminista.

Tal desconfiança no interior da disciplina fez com que muitos historiadores da história das mulheres, a incorporassem como mais um sujeito histórico, as retratando em seu cotidiano, práticas culturais desprovidos de conflitos, seja de sexo, seja de classe. Historiadores das mulheres recebiam verbas e acabavam por delimitar o campo da cultura das mulheres, em lugar de identificar no seu objeto de pesquisa a opressão sobre as mulheres e tampouco as percebiam como parte dos trabalhadores.

Procurando inter cruzar a perspectiva de gênero, que pressupõe o conceito de experiência, em lugar de conceber uma genérica "história das mulheres", Dorothy Thompson analisou as identidades, de gênero (os papéis sociais feminino e masculino) e ou de etnia (irlandesa), a luz da teoria marxista, e da concepção de Thompson sobre o 'fazer-se da classe operária. Ela detecta a presença feminina nos movimentos da classe trabalhadora, tanto nos motins por comida do século XVIII e início do século XIX, quanto nos movimentos reivindicatórios do século XIX, especialmente no Cartismo, até os anos de 1840. Trabalhando com relatos de testemunhos de observadores contemporâneos e jornais da época, a historiadora social procura mostrar que a menção recorrente as mulheres nas fontes apontam para sua influência sobre filhos e maridos sindicalistas. Ela argumenta que “sem as mulheres, o tipo de envolvimento da comunidade que estava claramente no período cartista teria sido impossível”¹⁶

Como historiadora profissional e militante comunista experimentou, abrindo caminho para profundas transformações sociais que, por um lado, resultariam em uma integração maior das mulheres no mercado de trabalho e na vida política, cultural e no espaço público, por outro redundariam em um apaziguamento dos grandes movimentos coletivos que levantariam a bandeira não apenas da igualdade de gêneros, mas das causas igualitárias e socialistas.

¹⁵ SCOTT, Joan. “História das mulheres” In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.

¹⁶ THOMPSON, Dorothy. *Outsiders, Class, Gender and Nation*. Verso, New York, 1993.p.70.